

Jean-Christophe Bailly e a legenda(gem) dispersa do mundo: comparações, ricochetes, desarraigamentos

Jean-Christophe Bailly and the scattered legend(ing) of the world: comparutions, ricochets, dépaysements

Marcelo Jacques de Moraes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
mjdemoraes@gmail.com

Resumo: Este ensaio apresenta algumas das linhas de força da obra de Jean-Christophe Bailly, com especial atenção ao que ele quer definir como a condição essencial do poema – ou de seu alargamento. Trata-se de manter a linguagem como área de receptividade, de contatos, de ressonâncias, disseminando índices de significância e fazendo de seu manejo um movimento de resistência à pulsão de encerrar sob o nome aquilo que nos chama do desconhecido, substantivando-o. Trata-se, em suma, de desencerrar sem fim, de reabrir o mundo sob a linguagem, de desbatizá-lo, de produzir e dispersar, a partir dessa operação, lendas e legendas. Introduziremos o pensamento poético do escritor pautando-nos especialmente em três imagens conceituais: comparações (*comparutions*), ricochetes (*ricochets*), desarraigamentos (*dépaysement*).

Palavras-chave: Jean-Christophe Bailly; poesia francesa contemporânea; sentido.

Abstract: This essay presents some of Jean-Christophe Bailly's work strength lines, with particular attention to what he wants to define as the essential condition of the poem – or of its enlargement. It is a matter of maintaining language as an area of receptivity, of contacts, of resonances, disseminating indexes of significance and making its management a movement of resistance to the drive to close under a name whatever calls us from the unknown, substantivating it. In short, it is a matter of unending unraveling, of reopening the world under language, of unbaptising it, of producing and dispersing legends from this operation. We will introduce the writer's poetic thought by focusing especially on three conceptual images: *comparutions*, *ricochets*, *dépaysements*.

Keywords: Jean-Christophe Bailly; contemporary French poetry; sense.

A hoje já extensa obra de Jean-Christophe Bailly (1949) opera desde sempre no limite da indefinição entre os gêneros. Seus ensaios, prosas, poemas, peças de teatro exploram e embaralham recursos formais e estratégias retóricas, assim como gêneros e disciplinas a partir dos mais diversos temas e objetos de interesse: entre outros, a “faculdade de *infinição*”¹ da linguagem desde o romantismo alemão; as condições da vinda do sentido na poesia e na prosa, de um lado, e nas imagens, na fotografia e na pintura especialmente, de outro; as experiências de partilha do comum e da separação desde os deslocamentos no espaço e a fluidez das fronteiras geográficas e identitárias; ou ainda, os modos de existência sensível das coisas inanimadas e dos animais. Mais genericamente, eu diria que Bailly pretende em sua obra investigar as formas de vida e os regimes de relações singulares que esses temas e objetos permitem definir – ou indefinir – e propagar.

Interessa-me aqui apresentar e explorar rapidamente algumas dessas linhas de força da obra do escritor, com especial atenção a uma busca que parece atravessar todas essas experiências de escrita, ao mesmo tempo em que permanece para ele como condição essencial do poema – ou de seu *alargamento* –, tal como a define e pratica em diferentes textos: manter a linguagem “em estado de agitação”,² como área de receptividade, de contatos, de ressonâncias, disseminando “índices”, ou “indícios”, “de significância”,³ fazer de seu manejo pela via do *frasear* um movimento de resistência à “pulsão de encerrar” (*pulsion d’enclore*),⁴ sob o nome aquilo que nos chama do desconhecido, “substantivando-o”. Trata-se, em suma, de “desencerrar sem fim” (*déclore sans fin*),⁵ de reabrir o mundo sob a linguagem, de “desbatizá-lo”,⁶ de reencontrar e redispersar, a partir dessa operação, suas *lendas e legendas*,⁷ as lendas e legendas do mundo.

Vou tomar como fio condutor para esta breve reflexão a cena narrada por Bailly de uma visita a uma prisão para uma conversa com

¹ BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p. 118, tradução minha. Quando me parecer oportuno, restituirei a citação em francês, em nota ou no corpo do texto.

² BAILLY. *L’Élargissement du poème*, p. 72, tradução minha.

³ BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p. 70, tradução minha.

⁴ BAILLY. *L’Élargissement du poème*, p. 9, tradução minha.

⁵ BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p. 75, tradução minha.

⁶ BAILLY. *L’Élargissement du poème*, p. 16, tradução minha.

⁷ Cf. BAILLY. *Le Propre du langage*, p. 107-109.

presos em torno de um de seus livros, cena a partir da qual vou tentar colocar em perspectiva três imagens conceituais que me parecem fundamentais no pensamento poético do escritor, às quais aludo no título deste trabalho: comparações (*comparutions*), ricochetes (*ricochets*), desarraigamentos (*dépaysements*).⁸

A cena em questão é narrada por Bailly quando ele fala, em seu longo diálogo com Philippe Roux a respeito de sua obra, sobre o sentido da experiência da “evasão”, que ele considera de interesse essencial para a literatura e as práticas artísticas em geral.⁹ Embora não fosse a primeira ocasião em que tivesse ido se encontrar com presos, ele conta que a experiência tinha sido particularmente “violenta” e “forte”. Pois naquela prisão construída em 1900, onde, diz ele, “tudo [era] calculado para que nunca se [pudesse] ver o horizonte”, constituindo-se, assim, como um “espaço de privação sensorial”, naquele espaço, ele continua,

damo-nos conta ao falar, estando diante daqueles que ali se encontram há longos anos, que tudo o que existe – um objeto ou uma palavra – toma uma amplitude de repercussão que é incomensurável com aquela que poderia ter do lado de fora, porque do lado de fora se reparte com todas as outras intensidades. Ali a intensidade é focalizada; é como teatro, é uma teatralidade assustadora.¹⁰

⁸ “Ricochete” é uma tradução óbvia para *ricochet*. Comentarei a escolha de tradução dos dois outros termos mais à frente.

⁹ “O interesse da literatura, das práticas artísticas, é sempre estabelecer, restabelecer, manter, propagar a evasão possível. A evasão, nesse sentido, é o que, no interior de uma situação fechada, abre, entreabre, e toda situação está sempre sob a ameaça de seu próprio fechamento” (“L’intérêt de la littérature, des pratiques artistiques, c’est de toujours établir, rétablir, maintenir, propager l’évasion possible. L’évasion dans ce sens, c’est ce qui, à l’intérieur d’une situation fermée, ouvre, entrouvre, et toute situation est toujours sous la menace de sa propre clôture, de sa propre fermeture” (BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p.167, tradução minha).

¹⁰ “Dans cet espace de privation, on se rend compte en parlant, en étant devant ceux qui s’y trouvent pour des longues années, que tout ce qui existe – un objet ou un mot – prend une ampleur de retentissement qui est incommensurable avec celle qu’il pourrait avoir au-dehors, parce qu’au-dehors c’est réparti avec toutes les autres intensités. Là, l’intensité est focalisée; c’est comme du théâtre, c’est une théâtralité effrayante” (BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p. 166, tradução minha).

Bailly conta em seguida que, no meio da conversa com os presos, ao usar, involuntariamente, segundo ele próprio, a palavra “evasão”, ouviu um suspiro profundo, um “‘Ah!...’ emanando não de uma, mas de inúmeras vozes, gargantas ou bocas (foi então que as pessoas me disseram que gostavam das moscas porque elas vinham do lado de fora e podiam ir embora livremente; eles não matavam as moscas)”. E conclui: “A evasão é isso, todo o sentido desse suspiro. A brusca e violenta aparição de um fora.”¹¹

Esse suspiro em coro de “vozes, gargantas ou bocas” – no limiar entre a expiração e o canto, portanto – parece repercutir a ação daquelas “válvulas” que, como diz o escritor num outro texto, “regem a entrada do fora no ‘dentro’ dos corpos”, na medida em que esse suspiro encena emblemática e dramaticamente “o desejo de uma saída para fora de si” que “com frequência [– e todos nós já tivemos essa experiência –] remonta do fundo da interioridade como um chamado”.¹²

Porém, além disso, ou mais do que isso, esse suspiro coletivo e repercussivo, que responde a um nome, a uma palavra que chega de fora – a palavra “evasão” justamente, proferida pelo visitante palestrante –, operando, assim, como uma “válvula” que abre para *um* fora, esse suspiro pode ser ouvido como uma espécie de afirmação vital que rechaça por um instante a desqualificação dessas vidas mais precárias que a vida das moscas, rechaça a denegação que as exclui de toda partilha,¹³ rechaça – e

¹¹ “‘Ah!...’, émanant non pas d’une mais de nombreuses voix, gorges ou bouches (c’est là que les gens m’avaient dit qu’ils aimaient bien les mouches parce qu’elles venaient du dehors et pouvaient repartir librement; ils ne tuaient pas les mouches). L’évasion c’est ça, tout le sens de ce soupir. La brusque et violente apparition d’un dehors” (BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p. 167, tradução minha).

¹² “Respirer, parler, penser, rêver, c’est faire agir la logistique des clapets qui régissent l’entrée du dehors dans le ‘dedans’ des corps. Pourtant la limite existe et est ressentie [...]. C’est pourquoi, souvent, du fond de l’intériorité remonte comme un appel le désir d’une sortie hors de soi [...]” (BAILLY. *Le Propre du langage*, p. 57, tradução minha).

¹³ Em *La Comparution* – livro que escreve com Bailly em 1991 –, depois de ter enumerado algumas formas de vida bem precárias, Jean-Luc Nancy afirma: “*E no entanto, [...] isso existe*”: “Isso existe enquanto denegação da existência. E não há nada para além do existir, e a existência a que se denega a partilha é ela própria existência denegada. Essa denegação, onde quer que advenha, atinge toda a existência, pois toca no *em* do em-comum. E é assim que nos faz comparecer e responder por ele, isto é, por nós” (“*Et pourtant, [...] cela existe*. Cela existe en tant que déni de l’existence. Et il

aqui cito um outro texto em que Bailly fala justamente sobre o “sim” – o “não que [as] ronda”, “fazendo ressoar [essa] afirmação como um limite no seio do ilimitado que ela propaga[:] [d]istinto, visível e sonoro, esse limite é exatamente o que chamamos de sentido.”¹⁴

Mas o “sentido” que esse suspiro produz em sua sonoridade ressonante – ressonância que ecoa especialmente no (e a partir do) próprio relato de Bailly – não parece apontar para um sentido particular qualquer, ele simplesmente afirma, faz aparecer a dimensão comum da existência em sua vitalidade, a dimensão da existência comum por um instante compartilhada, pelos presos entre si, por eles e pelo visitante, e por nós que lemos o relato, a dimensão, portanto, da partilha da existência como o seu próprio movimento de vitalização, isto é, de abertura, ou de reabertura, para o sentido compartilhável, ou menos que isso, de abertura para o compartilhamento do sentido como possibilidade, como a própria potência do sentido.

Trata-se, como vemos, da “velha questão do sentido”, para referir uma bem-humorada formulação de Nancy em *La Comparution*. Citando-o, poderíamos, talvez, dizer que o sentido aparece aqui como “elemento de significância da existência na [própria] medida em que comparece, e em que não há sentido de um Só”.¹⁵ Para Nancy, “sentido só acontece com mais de um. Mesmo e principalmente ali onde o ‘único’, o ‘singular’ exige ‘seu’ sentido”.¹⁶ Pois, digo-o eu, é sempre diante do fora trazido por *outro* que *um* pode se singularizar, que *um* vem exigir seu sentido. Trata-se, enfim, para retomar também as palavras de Bailly na introdução que fez para a reedição do livro, em 2007, do “sentido

n’y a rien par-delà l’exister, et l’existence à laquelle on dénie le partage est elle-même existence déniée. Ce déni, où qu’il advienne, atteint toute l’existence, car il touche à l’en de l’en-commun. Et c’est ainsi qu’il nous fait comparaître et répondre de lui, c’est-à-dire de nous”) (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 102-103, tradução minha).

¹⁴ “Mais c’est parce que le non rôde – parce que le non-être est posé – que le oui échappe à la béatitude et se convertir malgré tout en audace, faisant résonner l’affirmation comme une limite au sein de l’illimité qu’elle propage. Distincte, visible et sonore, cette limite est exactement ce que nous appelons le sens” (BAILLY. *Le Propre du langage*, p. 146, tradução minha).

¹⁵ “[...] l’élément de signifiante de l’existence en tant qu’elle comparaît, et qu’il n’y a pas de sens d’un Seul” (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 81, tradução minha).

¹⁶ “Du ‘sens’, cela n’a lieu qu’à plus d’un. Même et surtout là où l’‘unique’, le ‘singulier’, exige ‘son’ sens” (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 56, tradução minha).

que *aparece* unicamente pelo fato de nossa comparação”.¹⁷ Termo que o escritor apresenta assim:

O acontecimento de ser/estar em comum, [eu e Nancy] o chamávamos “comparição”: nós aparecemos juntos, não é um acidente que sobrevém a uma substância individual que deveria excetuar-se dele ou desculpar-se por ele, e também não é uma “comunidade” em cujo seio seria preciso fundir-se. Nós aparecemos juntos, isto é, uns diante dos outros e também para um juízo que nenhum direito precede nem organiza. Nós aparecemos diante de *nós mesmos*, isto é, diante de uma mesmidade que não é identidade, que nos conjunta ao disjuntar-nos [...].¹⁸

É, portanto, essa aparição conjunta de si e do outro para si e para o outro – por uma “exigência” que termina por ser recíproca –, é essa aparição que nos disjunta de nós mesmos na partilha da comunidade da existência – sem, por isso, fazer laço comunitário –, é ela que Bailly e Nancy dão a ver sob a noção de comparação.¹⁹

Voltando sob essa perspectiva à cena da prisão, a experiência da comparação parece recolocar em jogo, em circulação, em questão, como

¹⁷ “[...] le sens qui *apparaît* du seul fait de notre comparution” (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 9, tradução minha).

¹⁸ “L’événement d’être en commun, nous le nommions ‘comparution’; nous paraissions ensemble, ce n’est pas un accident individuel survenant à une substance individuelle qui devrait s’en excepter ou s’en excuser, et ce n’est pas non plus une ‘communauté’ au sein de laquelle il faudrait se fondre. Nous paraissions devant les autres et pour un jugement qu’aucun droit ne précède ni n’organise. Nous paraissions devant nous-mêmes, c’est-à-dire devant une mêmété qui n’est pas identité, qui nous conjoint en nous disjoignant [...]” (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 8, tradução minha).

¹⁹ Uma observação sobre a tradução do termo: *comparution* em francês não é um neologismo, é o substantivo que deriva do verbo *comparâitre*; mas ambos os termos remetem exclusivamente, como também pode ser o caso em português, ao sentido jurídico do “comparecimento”, do comparecimento por intimação, do comparecimento em juízo. Se, de fato, Bailly e Nancy jogam com essa dimensão da intimação, da dimensão involuntária do estar com o outro, é evidente que eles jogam também com o sentido forte de *parution*, que significa em francês algo que aparece pela primeira vez, sem qualquer jurisprudência. Trata-se, portanto, desse aparecer com o outro, diante do outro, por intimação – ou chamado – do sentido, desde o fora. Daí a escolha de compor “comparecimento” com “aparição”, fazendo “comparição”.

questão, o comum,²⁰ a dimensão da “comunidade” dos mortais (isso no duplo sentido de comunidade, na medida em que é a qualidade de comum, de “ser/estar em comum” que potencializa, justamente, a aparição de uma comunidade); e, ao fazê-lo, ela desfigura – sem reconfigurá-la – a figura sem perspectiva dos presos reduzidos à sua própria condição de exclusão,²¹ como se o presente, o tempo presente, pudesse então – no âmbito daquela “intensidade focalizada” propiciada pela repercussão da palavra de *um* sobre a palavra do *outro* (o nome “evasão” e o “ah” que responde a ele, bem como o “sentido” que assim se partilha), que tornava *um* e *outro*, justamente, comuns – desligar-se de si mesmo, arrastar-se para fora de si, *evadir*-se, por que não?, de si mesmo, num “porvir capaz de quebrar a inércia de um mundo cumulativo fundado na ausência de acontecimento”.²²

²⁰ Aqui eu poderia evocar uma das definições dadas por Nancy da literatura: “Mas trata-se disto que demanda e que permite que o ‘ordinário’ seja apresentado, não como extraordinário (por uma trucagem qualquer), mas *no* extraordinário. Trata-se do que, do comum, faz acontecimento – e o faz advir. E trata-se, no mesmo movimento, da comunicação de uma partilha tão comum que passa, sem ‘literatura’, despercebida” (“Mais il s’agit de cela qui demande et qui permet que l’‘ordinaire’ soit présenté, non pas comme extraordinaire (par un truquage quelconque), mais dans l’extraordinaire. Il s’agit de ce qui, du commun, fait événement – et le fait advenir. Et il s’agit, du même coup, d’un partage si commun qu’il passe, sans ‘littérature’, inaperçu”) (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 88, tradução minha).

²¹ Inspiro-me em Nancy: “Mas para excluir, a exclusão deve designar: ela nomeia, ela identifica, ela dá figura. O ‘outro’ é uma figura imposta ao infigurável” (“Mais pour exclure, l’exclusion doit désigner; elle nomme, elle identifie, elle donne figure. L’‘autre’ est une figure imposée à l’infigurable”) (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 10, tradução minha).

²² “[...] en faveur d’un événement à venir, d’un à-venir capable de briser l’inertie d’un monde cumulatif fondé sur l’absence d’événement” (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 47, tradução minha). Um pouco adiante, ele continua: “Qual pode ser um tal porvir, sem profecia e talvez até mesmo sem advento? Nada que não o anúncio de uma tensão para o acontecimento puro [...] [Essa realização] não é outra coisa que não o que tem poder de desatar o presente, arrastando-o para fora de si, mas *para outra parte* que não ali para onde o leva apenas sua marcha para a frente” (“Quel peut bien être un tel à-venir, sans prophétie et peut-être même sans avènement? Rien d’autre que l’annonce d’une tension vers l’événement pur [...]. [Cet accomplissement] n’est rien d’autre que ce qui a pouvoir de délier le présent, en l’entraînant hors de lui, mais ailleurs que là où conduit sa seule fuite en avant”) (BAILLY; NANCY. *La Comparution*, p. 47-48, tradução minha).

Dito isso, eu gostaria de associar esse acontecimento sonoro na cena da prisão, essa experiência de comparação, “o tremor de sentido” (*tremblement de sens*)²³ que ela repercute, a uma das reflexões que Bailly faz sobre o poema, tomando-o não como o exemplar de um gênero, mas, cito-o, “como a situação de estar no mundo com a linguagem e sem nada além dela [...] isto é, no absoluto da linguagem, no absoluto da possibilidade do sentido.”²⁴

Em tal situação, citando ainda Bailly,

o que se apresenta não é a encenação de um sujeito, mas a condição de possibilidade de uma frase por vir, que poderá ser tomada como esse por vir. Essa condição se visa como um retiro, e até mesmo como um retiro absoluto: no momento t do começo do poema, não há nada, mas esse gargalo de estrangulamento não é um filtro por onde escorre um sujeito que se sonha, é uma levada pela qual o mundo entra [...].²⁵

Esse movimento do mundo de vir à linguagem em poema, no qual ele, o mundo, se “retrai” ao mesmo tempo que “entra”, pode ser sintetizado pelo que eu chamaria com Bailly de sua “legendagem”, a legendagem do mundo. Na reflexão que faz sobre o substantivo “legenda” (*légende*),²⁶ que ganha um verbete em seu livro *Le Propre du langage: Voyages au pays des noms comuns*, o escritor o toma em sua dupla acepção de designação, de um lado, e de fabulação, divagação, de outro, e especula, então, sobre o processo de legendar como uma experiência

²³ BAILLY. *L'Élargissement du poème*, p. 77, tradução minha.

²⁴ “Le poème, plutôt que comme un genre, il faudrait l’aborder, en tant qu’il perdure, comme une situation de langage et, singulièrement, comme la situation d’être au monde avec le langage sans rien d’autre que lui, [...] c’est-à-dire dans l’absolu du langage, dans l’absolu de la possibilité du sens” (BAILLY. *L'Élargissement du poème*, p. 81, tradução minha).

²⁵ “ce qui se présente, ce n’est pas la mise en scène d’un sujet mais la condition de possibilité d’une phrase à venir, qui pourra être tenue comme cet à venir. Cette condition s’envisage comme un retrait, et même comme un retrait absolu; au moment t du commencement du poème, il n’y a rien, mais ce goulot d’étranglement n’est pas un filtre où s’écoule un sujet qui se rêve, c’est un bief par lequel le monde entre [...]” (BAILLY. *L'Élargissement du poème*, p. 83, tradução minha).

²⁶ Em francês, *légende* é a palavra que designa simultaneamente “lenda” e “legenda”. Como em português “legenda” abarca os dois sentidos, escolhi mantê-la o tempo todo.

intensa, “focalizada”, por que não dizer?, em que “se manifestam ao mesmo tempo e simultaneamente a prisão domiciliar mais estrita e a partida mais violenta”.²⁷ Nesse sentido, o relato de Bailly, “legendando”, poderíamos dizer, a cena do suspiro na prisão, poderia ainda ser compreendido a partir da relação que ele estabelece entre a legendagem e o advento da frase, ou do poema. Diz ele:

Em cada nome, a verdade é dada e perdida, oscilante, e é nessa oscilação entre fixação e partida, entre jurisdição e ficção, que a linguagem desdobra sua verdade. Entre a legenda legendando as coisas e a legenda que as torna legendárias, há apenas um batimento. De uma a outra, a linguagem não é uma hesitação, mas um percurso: série de toques ou de ricochetes respingando de verdade e de legenda. [...] Cada palavra se desloca ao longo do cursor que vai da fixidez à ressonância, e frasear não é outra coisa que não a arte de fazer esses deslocamentos atuarem enviando-os ao inesperado. [...] Frasear justo é manter a vibração, e fazer saber onde estamos em relação à palavra que avançamos. É não fixá-la, não pregá-la, é fazer saber como é que com ela de novo legendamos.²⁸

²⁷ “Entre essas duas acepções principais – uma engatando um regime de verdade e de designação, outra ao contrário, aderindo ao de uma fantasia sem limites – a legenda oscila. É grande, evidentemente, a tentação de projetar um sobre o outro esses dois sentidos, e de levar a simples designação para o lado da história fabulosa e reciprocamente. O que acontece com a palavra legenda é o que acontece com os nomes, que legendam a terra: na extremidade do nome se manifestam ao mesmo tempo e simultaneamente a prisão domiciliar mais estrita e a partida mais violenta” (“Entre ces deux acceptions principales – l’une embrayant un régime de vérité et de désignation, l’autre au contraire épousant celui d’une fantaisie sans limites – la légende se balance. Grande, bien sûr, est la tentation de rabattre l’un sur l’autre ces deux sens, et d’emmener la simple désignation du côté de l’histoire fabuleuse et réciproquement. Ce qui arrive au mot légende, c’est ce qui arrive aux noms, qui légendent la terre; dans la pointe du nom se manifestent à la fois et simultanément l’assignation à résidence la plus stricte et le départ le plus violent”) (BAILLY. *Le Propre du langage*, p.108, tradução minha).

²⁸ “En chaque nom la vérité est donnée et perdue, oscillante, et c’est dans cette oscillation entre fixation et départ, entre juridiction et fiction que le langage déploie sa vérité. Entre la légende légendant les choses et celle qui les rend légendaires, il n’y a qu’un battement. De l’une à l’autre, le langage n’est pas une hésitation, mais un parcours; série de touches ou de ricochets s’éclaboussant de vérité et de légende. [...] Chaque mot se déplace le long du curseur qui va de la fixité à la résonance, et phraser n’est rien d’autre que l’art de faire jouer ces déplacements en les envoyant dans l’inattendu. [...] Phraser juste,

Assim chegamos à segunda imagem conceitual que proponho no título, a de *ricochete*, tão cara a Bailly, e que, salvo engano, aparece pela primeira vez nesse mesmo livro, onde ganha igualmente um verbete. Limite-me a citar um pequeno fragmento desse texto:

No ricochete reside uma felicidade: de que a pedra lançada na água não seja logo engolida mas trace nela, por uma série de ressaltos, um caminho, de que cada etapa desse caminho caprichoso seja, até a última, um relance [...]. A maneira como a cada ressalto a água é arranhada se parece com a maneira como a linguagem encontra o sentido: um respingo efêmero, um roçar: um poema ou um livro não passam de uma sequência de ricochetes na superfície do sentido.²⁹

De que felicidade se trata? Eu diria que a felicidade de que se trata para Bailly (e que ressoa, por exemplo, no “Ah!” dos presos...) é a felicidade da significância, do sim, do sim da vida que, no respingar, em breve sequência de ricochetes, de seu sentido – ou seja, em seu vir-à-frase (ainda que a frase se limite a um “Ah!”) –, *comparece*, reencontrando por um átimo sua vibração, seu *eco*, “o eco repercutido do fora que nos acolhe, mas não nos retém”,³⁰ como diz Bailly no verbete “fora”, a felicidade da vida que reencontra (no sentido proustiano: eu poderia também dizer “que reescreve”) potencialmente sua “legenda”, ou suas legendas, se requalificando, assim, como forma, como forma-em-vida, felicidade da vida que reencontra, assim, o possível, ou a potência, do seu próprio viver. Evadindo-se ou, para introduzir mais uma nuance, e a terceira imagem conceitual de Bailly que me propus a apresentar aqui, *desarraigando-se* do lugar, ou do não-lugar, aquele “que não se abriu para a vinda ou não a

c'est tenir la vibration, et faire savoir où l'on en est avec le mot que l'on avance. Ce n'est pas le fixer, le clouer, mais le laisser battre, c'est faire savoir comment avec lui à nouveau on légende” (BAILLY. *Le Propre du langage*, p. 108-109, tradução minha).

²⁹ “Dans le ricochet réside un bonheur; que la pierre lancée sur l'eau n'y soit pas aussitôt engloutie mais y trace, par une série de rebonds, un chemin, que chaque étape de ce chemin capricieux soit, jusqu'à la dernière, une relance. [...] La façon dont à chaque rebond l'eau est éraflée ressemble à la façon dont le langage rencontre le sens; une éclaboussure éphémère, un effleurement; un poème ou un livre ne sont qu'une suite de ricochets à la surface du sens” (BAILLY. *Le Propre du langage*, p. 173-174, tradução minha).

³⁰ “Parler, c'est être mu, ému, c'est être l'écho retenti du dehors qui nous accueille mais ne nous retient pas” (BAILLY. *Le Propre du langage*, p. 59, tradução minha).

quer, que não espera nenhum rastro, nenhum relato”,³¹ *desarraigando-se* do lugar, ou do não-lugar, ao qual identificamos e no qual “fixamos”, “pregamos”, a precariedade, a desqualificação de uma vida.

E aí chegamos ao “desarraigamento”, tradução que propus para *dépaysement*,³² termo que é inclusive o título de um dos livros de Bailly, no qual ele relata “viagens pela França” (esse é o subtítulo do livro), atento às formas de vida que emergem dos sítios aparentemente mais áridos e precários do país para concluir que “um lugar [...] jamais é um ‘não-lugar’, jamais é algo que se possa despachar em três frases, ainda que o façamos”.³³

Para além de toda a problematização da questão da identidade,³⁴ tão premente na França, mas de que não tratarei aqui, interessa-me

³¹ “[...] le non-lieu, que la définition sociologique et critique caractérise comme un espace bâti qui ne s’est pas ouvert à la venue ou qui ne veut pas d’elle, qui n’attend aucune trace, aucun récit” (BAILLY, *Le Propre du langage*, p. 109-110, tradução minha).

³² Cf. BAILLY, *Le Dépaysement*. O verbo *dépayser* significa originalmente mudar de país, exilar-se, perder as raízes, mas tem também o sentido mais amplo de desorientar, desconcertar. O substantivo tende em seu uso mais disseminado a uma conotação positiva, no sentido da saída da rotina, da mudança de hábitos, além de ter o sentido jurídico de mudança de jurisdição. Pensei também em “desprendimento”, ou “desapego”. Mas preferi o termo “desarraigamento” por guardar em sua etimologia o *radix* latino, evocando assim a relação com o “lugar”, ao mesmo tempo em que se presta a um sentido mais genérico.

³³ “La vérité [...] qui fait qu’un lieu, une surface quelconque, n’est jamais un ‘non-lieu’, jamais quelque chose que l’on puisse expédier en trois phrases, même si on le fait.” (BAILLY, *Le Dépaysement*, *apud* MACÉ. *Styles: Critique de nos formes de vie*, p. 297, tradução minha).

³⁴ Diz ele, por exemplo, referindo-se à questão da identidade tal como pretendeu tratá-la em *Le Dépaysement*: “Seu objetivo [o do livro] é compreender essa identidade [a “identidade da França”], trabalhá-la, escrutá-la para mostrar que ela só existe como algo que se fabricou ao longo dos séculos, justamente por suas bordas, por contatos, pelo fato de ser atravessada, atravessável, visitada e visitável, curiosa e aberta. Uma identidade não é a soma de toda uma série de traços que se colocam num aquário hermeticamente fechado. Uma identidade é um fraseado, é algo que está em curso. Ora, esse fraseado é incessantemente ameaçado por tudo o que busca converter o mistério da identidade em sistema de valores” (“Son but est de comprendre cette identité, de la travailler, de la fouiller pour montrer qu’elle n’existe que comme quelque chose qui s’est fabriqué au cours des siècles, justement par ses bords, par des contacts, par le fait qu’elle est traversée, traversable, visitée et visitable, curieuse et ouverte. Une identité n’est pas la somme de toute une série de traits que l’on met dans un bocal fermé hermétiquement.

especialmente como a posição *desarraigadora*, se eu puder dizer assim, permite responder, ainda que parcialmente, aos “sinais” vitais mais ou menos “discretos” de qualquer forma de vida tomada pela “brutalidade tecnocrática” dominante como insignificante, precária, a estes sinais que “não apenas vêm ao longo de espécies de nervuras, mas deslizam uns na direção dos outros, formando ricochetes, ondas que interferem. Não apenas ali onde esperamos por eles, nos domínios que percorremos, mas inopinadamente, de qualquer ponto do mundo ou do saber.”³⁵

Em seu prefácio à reedição, em 2000, de sua tradução dos românticos alemães, Bailly explica o título que escolheu para o livro, depois de referir-se à experiência daqueles escritores do século XVIII “como um turbilhão, como uma sequência sem fim [...] de conexões e de ricochetes”. Diz ele: “A ‘legenda dispersa’ é o nome [...] que eu havia dado a esse movimento de emancipação, a essa disseminação ao mesmo tempo enlouquecida e rejuntada”.³⁶ Esse título dialoga evidentemente

Une identité, c’est un phrasé, c’est quelque chose qui est encours. Or ce phrasé, il est sans arrêt menacé par tout ce qui cherche à convertir le mystère de l’identité en système de valeurs”) (BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p.151, tradução minha).

³⁵ “Sempre há aquela noção de ‘consideração’, consideração para com o que justamente é considerado como insignificante pela brutalidade tecnocrática, consideração para com aqueles signos discretos que demandam escutas sutis e emaranhadas. [...] Essa noção de ‘não-insignificância’ é muito importante. É verdade que há algo de enlouquecedor uma vez que se sabe que não se poderá responder a todos esses sinais, esses chamados. Não apenas eles vêm ao longo de espécies de nervuras, mas deslizam uns na direção dos outros, formando ricochetes, ondas que interferem. Não apenas ali onde esperamos por eles, nos domínios que percorremos, mas inopinadamente, de qualquer ponto do mundo ou do saber” (“Il y a toujours au départ cette notion d’égard’, égard à ce qui est justement considéré comme insignifiant par la brutalité technocratique, égard à ces signes discrets qui demandent des écoutes subtiles et enchevêtrées. [...] Cette notion de ‘non-insignifiance’ est très importante. C’est vrai qu’il y a quelque chose d’affolant puisqu’on sait qu’on ne pourra pas répondre à tous ces signaux, ces appels. Non seulement ils viennent le long de sortes de nervures, mais ils glissent les uns vers les autres, formant des ricochets, des ondes qui interfèrent. Non seulement là où on les attend, dans les domaines que l’on a arpentés, mais inopinément, de n’importe quel point du monde ou du savoir”) (BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p. 154-155, tradução minha).

³⁶ “Les romantiques allemands vécurent cela comme un tourbillon, comme une suite sans fin [...] de connexions et de ricochets. [...] La ‘légende dispersée’ est le nom que j’avais donné à ce mouvement d’émancipation, à cette dissémination à la fois éperdue et rassemblée du sens” (BAILLY. *La Légende dispersée*, p. 7-8, tradução minha).

com uma frase de Novalis que Bailly cita em mais de um texto – “O paraíso está por assim dizer disperso pela terra inteira” – e que para Bailly significa a necessidade de “olhar para a utopia não mais [...] como uma totalidade por vir, mas como algo fragmentário e portátil”.³⁷

Eu diria que, na perspectiva de Jean-Christophe Bailly, e deturpando um pouco o comentário que ele faz da frase de Novalis, é a potência de vida “fragmentária e portátil” das vidas mais insignificantes e precárias que o poema visa, ao legendá-las, despertar e dispersar. Restabelecendo-as, documentando-as, por que não, como formas de vida, formas em vida, a comparecer, a ricochetear, a se desarraigar.

Para concluir, apresento dois fragmentos de poemas do escritor, que talvez pudessem também, de algum modo, legendar a cena do suspiro na prisão:

diga-se de passagem eu queria opor
a essa humilde engenharia
em que o escriba pode se reconhecer
todo o alvoroço humano
e sua maciça tristeza
– logo, pois, ranhuras na lama
e corpos agitados em covas
por tipos estupefatos por serem coveiros
se não foram “eles” que o fizeram alguns não hesitaram
e que o tenham ou não desejado não é a questão
a questão rolou para dentro da cova
assim como veio à têtora
aos lábios, aos olhos, ao ventre, em todo o corpo
e se for preciso um exemplo, que seja
este pacote de intestinos seguros com as duas mãos
para fora da ferida
à beira da estrada³⁸

³⁷ “[...] regarder du côté de l’utopie, non plus envisagée comme une totalité à venir mais comme quelque chose de fragmentaire et de portatif – qui en effet peut se réaliser ici ou là” (BAILLY. *Passer définir connecter infinir*, p. 79, tradução minha).

³⁸ “[...] soit dit en passant je voulais opposer/ à cette humble ingénierie/ en quoi le scribe peut se reconnaître/ tout l’affairement humain/ et sa tristesse massive/ – donc aussitôt des rainures dans la boue/ et des corps balancés dans des fosses/ par des gars éberlués d’être des fossoyeurs/ ‘ils’ ne l’ont pas fait mais certains parmi eux n’ont pas hésité/ et qu’ils l’aient voulu ou non n’est pas la question/ la question a été roulée

não um canto mas um baixo contínuo
 por baixo, sim, sob as palavras, nelas,
 soerguido com elas
 soerguendo com elas o que elas retêm de antes
 o que retêm de antes daquilo que antes que fossem
 as coisas diziam por elas
 onda estacionária de antes do sentido
 mas sem a qual ele estaria inteiramente perdido
 onda, quer dizer percussão:
 nem acontecimento nem chance nem sequer
 (sequer ainda) lance de dados:
 contato – o vento imóvel da palavra
 sem plinto e sem ponta
 indicando, apontando
 passando no crivo do perecer
 assim
 com uma peneira
 quer dizer deixando passar, vir
 deixando vir a margem:
 os cantos da canoa³⁹

dans la fosse/ comme elle est venue sur la tempe/ sur les lèvres/ les yeux/ le ventre/
 dans tout le corps/ et s'il faut un exemple, que ce soit/ ce paquet d'intestins retenus des
 deux mains/ hors de la blessure/ sur le bord de la route [...] (BAILLY. *Basse continue*,
 p. 12, tradução minha).

³⁹ “[...] non un chant mais une basse continue/ en dessous, oui, sous les mots, en eux/
 soulevée avec eux/ soulevant avec eux ce qu'ils retiennent de ce qu'avant qu'ils soient/
 les choses disaient pour eux/ onde stationnaire d'avant le sens/ mais sans qui il serait
 perdu tout entier/ onde, c'est-à-dire percussion:/ ni événement ni chance ni même/
 (même pas encore) coup de dés:/ contact – le vent immobile du mot/ sans socle et sans
 pointe/ indiquant, fléchant/ passant au crible du périr/ comme ça/ avec une passoire/
 c'est-à-dire laissant passer, venir/ laissant venir la rive:/ les chants de la périssoire [...]”
 (BAILLY. *Basse continue*, p. 76, tradução minha).

Referências

- BAILLY, Jean-Christophe. *Basse continue*. Paris: Seuil, 2000.
- BAILLY, Jean-Christophe. *L'Élargissement du poème*. Paris: Christian Bourgois, 2015.
- BAILLY, Jean-Christophe. *La Légende dispersée*: anthologie du romantisme allemand. Paris: Christian Bourgois, 2001.
- BAILLY, Jean-Christophe. *Le Dépaysement*. Paris: Seuil, 2011.
- BAILLY, Jean-Christophe. *Le Propre du langage*: voyages au pays des noms communs. Paris: Seuil, 1997.
- BAILLY, Jean-Christophe. *Passer définir connecter infinir*: dialogue avec Philippe Roux. Paris: Argol, 2014.
- BAILLY, Jean-Christophe; NANCY, Jean-Luc. *La Comparution*. Paris: Christian Bourgois, 2007.
- MACÉ, Marielle. *Styles*: critique de nos formes de vie. Paris: Gallimard, 2016.

Recebido em: 31 de julho de 2017.

Aprovado em: 19 de outubro de 2017.